



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://econtents.bc.unicamp.br/omp/index.php/ebooks/catalog/book/139>

DOI: 10.20396/ISBN9786587198040

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2020 by UNICAMP/IFCH. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

“A CULPA É DA CHINA!”: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS, NARRATIVAS E ESTRATÉGIAS DA HASHTAG #VIRUSCHINES NO TWITTER

Paulo Henrique Dantas¹

O mês de março de 2020 foi marcado por uma crise diplomática iniciada pelo Deputado Federal Eduardo Bolsonaro, filho do presidente, que atribuiu à China a culpa pelos danos materiais e humanos do novo coronavírus: “[...] A culpa é da China e liberdade é a solução”. Em seguida, o então Ministro² da Educação Abraham Weintraub também teceu comentários nas redes sociais sobre a responsabilidade da China na criação e propagação do vírus:



Figura 1: Twitter oficial do ministro Abraham Weintraub.

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFBA, e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: paulohenrique.ba@gmail.com

² Seguindo a mesma linha, o Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, definiu o vírus como “comuna vírus” em seu blog pessoal, argumentando que a COVID-19 é parte de um plano comunista global que tem parceria com a Organização Mundial da Saúde, a OMS, que estaria dando o primeiro passo para a “solidariedade comunista global”.

“A culpa é da China!”...

Diante das controvérsias envolvendo o governo brasileiro e a China, as redes sociais rapidamente reagiram aos embates. Uma das *hashtags* criadas no *Twitter* que deram apoio, em certa medida, aos discursos do governo foi a #VirusChines.

A proposta deste ensaio é investigar os conteúdos relacionados à *hashtag* citada, apresentando como os discursos, narrativas e disputas que ela mobiliza reforça os inimigos internos e externos do governo Bolsonaro no contexto de polarização política no Brasil que se aprofundou no início da pandemia da COVID-19. Pretende-se identificar os processos de construção de discursos, narrativas, símbolos e estratégias políticas e discursivas no interior da *hashtag*.

Aspectos Metodológicos

De acordo com Paiva et al. (2017) o *Twitter* é uma rede social que tem o objetivo de ampliar a possibilidade de participação no debate público devido à natureza da comunicação possibilitada por seu formato técnico. Essa rede permite que pessoas se comuniquem diretamente por meio de textos curtos (*tweets*) e menções a outros usuários (*mentions*), compartilhamento de postagens (por meio de *retweets*) e engajamento em determinados tópicos ou assuntos (utilizando *hashtags*). Cada *hashtag* utilizada no *Twitter* é uma espécie de demarcador de um determinado assunto, discurso ou estratégia. Desta forma, a *tag*³ selecionada é uma espécie de coletânea de diversos posts dentro de um só.

O corpus de dados da pesquisa utilizadas para este ensaio são todos os *tweets* que mencionaram a *hashtag* #VirusChines entre 12 e dia 20 de abril de 2020. O material foi levantado⁴ utilizando o site <https://netlytic.org/>, que foi o

³ Outra nomenclatura para *hashtag*.

⁴ O levantamento se refere a uma ferramenta de coleta de dados, trata-se de um processo de extrair informações. Foi utilizado o levantamento totalmente misto discutido por Terry e Braun (2019), nesta abordagem o foco é qualitativa e quantitativa, importa o conteúdo discursivo do *tweet* assim como sua frequência.

endereço eletrônico⁵ responsável por coletar a cada 15 minutos todos os *tweets* da *hashtag* escolhida. O saldo total da coleta foi de 10.000 posts, número esse que é o limite estabelecido pelo site como capacidade máxima de armazenamento. O recorte temporal foi escolhido de maneira a tentar acompanhar o pico de publicações dentro da *hashtag*. Além disso, a terceira semana de abril marca a demissão do ex-Ministro Luis Henrique Mandetta.

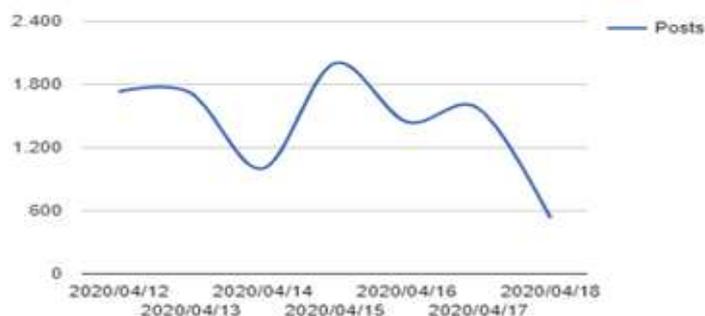


Gráfico 1: comparativo sobre o número de posts em relação aos dias de coleta.

A metodologia escolhida foi a análise de conteúdo⁶ (AC), que consiste em uma importante ferramenta de análise. A abordagem pressupõe uma leitura crítica dos fragmentos textuais, permitindo que os textos sejam identificados e organizados na análise, o que possibilita relações de frequência, agrupamento (clusters) de discursos dos *tweets* e sua interconexão com o contexto político e histórico.

⁵ As ferramentas eletrônicas para coleta de dados estão sendo cada vez mais utilizados para coletar dados de difícil acesso (Terry e Braun, 2019). Além disso apenas esses recursos são capazes de viabilizar levantamentos em comunidades ou ambientes que só existem on-line, como no caso da *hashtag* #VirusChines.

⁶ Um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas. Embora a maior parte das análises clássica de conteúdo culminem em descrições numéricas de algumas características do corpus do texto, considerável atenção está sendo dada aos "tipos", "qualidades" e "distinções" no texto, antes que qualquer quantificação seja feita. Deste modo, a análise de texto faz uma ponte entre um formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais. No divisor quantidade/qualidade das ciências sociais, a análise de conteúdo é uma técnica híbrida. (BAUER, 2015, p. 190).

“A culpa é da China!”...

De maneira preliminar, foram realizadas rodadas de leitura de 10 posts por cada dia coletado. Esse processo foi importante para o conhecimento dos textos levantados e ajudaram na construção de categorias para agrupar, organizar e codificar os *tweets*. O procedimento foi relevante pois, conforme apontou Braun e Terry (2019), é vital destinar tempo para a familiarização com o conjunto de dados, uma vez que não houve o envolvimento direto do pesquisador na coleta dos dados.

Após a fase de coleta e leitura de parte do material, o corpus foi trabalhado em um *Computer-assisted qualitative data analysis software* (CAQDAS⁷) para realizar a fase de codificação⁸ e em um questionário digital. A título de informação para o leitor, todos os @ de usuários foram deletados⁹ na leitura para desidentificar os autores e preservar sua privacidade. Salienta-se que foram necessárias leituras da totalidade dos *tweets* para alcançar filtros e reduções no material coletado. O critério adotado foi o de preservar os posts originais e excluir os *retweets*, que repetem o mesmo texto. Desta forma foram codificados 658 *tweets* que podem ser considerados o coração da *hashtag* #VirusChines. Os outros 9300 textos se tornam debates e repetições massivas dos 658 preservados. Após esse processo, foi gerado um relatório com 60 páginas incorporado ao software ATLAS.TI. No tratamento dos dados, foi utilizado a análise categorial¹⁰.

⁷ Os softwares ATLAS.TI e *Sphinx* foram utilizados.

⁸ Bauer (2015) define a codificação como o agrupamento de passagens de textos comuns dentro de códigos teóricos e empíricos que permitem uma interação entre pesquisador e o objeto. Esse processo envolve a identificação, o registro de fragmentos textuais, localização geográfica e principais contas disseminadoras de conteúdo.

⁹ Favaro et al (2019) traz ao debate a questão ética dos dados digitais. Cada vez mais os arquivos são arquivados e rastreáveis nas redes sociais, diante dessa questão os *tweets* não serão copiados e colados na sua originalidade. A maneira encontrada foi transmitir a ideia central dentro dos agrupamentos de posts.

¹⁰ A análise categorial consiste em calcular e comparar as frequências de certas características (na maior parte das vezes, os temas evocados) previamente agrupadas em categorias significativas. Baseia-se na hipótese segundo a qual uma característica é tanto mais frequentemente citada quanto mais importante para o locutor (Quivy e Campenhoudt, 2005).

A *Hashtag* #VirusChines em dados

Para uma melhor compreensão, serão apresentados os *tweets* e seus agrupamentos de maneira completa e, no próximo tópico, serão debatidos os dados de uma maneira teórica. O gráfico 2 está estruturado em colunas que representam temáticas, os temas são categorias criadas durante a leitura¹¹ sistemática dos *tweets* e aplicados durante o processo de codificação utilizando o software Atlas.TI.

Salienta-se que mesmo após a redução dos 10.000 *tweets* iniciais para 658 não foi possível identificar dentre esse número a presença ou não dos robôs. A existência de disparos automáticos e de BOT¹²s controlados para a disseminação de conteúdos que serão replicados por perfis humanos é uma realidade em redes sociais como o Twitter, sobretudo em questões políticas e ligadas ao clã Bolsonaro. A produção em larga escala de alguns discursos que se espalham de maneira viral (isto é, massiva e sem controle) sobre a rede social, acende um alerta sobre ações coordenadas por pessoas e instituições informais como o Gabinete do Ódio. É evidente que tamanha estrutura de criação de *memes*, *hashtags* e conteúdo necessita de um financiamento além de equipe técnica capacitada para operar na rede. Além disso, os trabalhos¹³ da Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI sobre notícias falsas apontou que o governo repassa verba de publicidades para sites disseminadores de *fake news*. Gerando um financiamento e capitalização de portais que podem criar conteúdos e financiar agentes engajados no Twitter.

¹¹ A leitura geral dos 658 *tweets* foi direcionada para a criação de categorias temáticas, a finalidade foi de abarcar *tweets* por um mesmo tema em comum.

¹² Diminutivo de Robot, trata-se de um robô treinado para ações repetidas.

¹³ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/03/anuncios-pagos-pelo-governo-foram-veiculados-em-mais-de-2-milhoes-de-canais-com-conteudo-inadequado.ghtml>. Acesso em: 04 jun. de 2020.

“A culpa é da China!”...

A real existência¹⁴ de um gabinete articulado politicamente com o presidente Jair Bolsonaro e que possui funcionários ligados¹⁵ ao Palácio do Planalto foi comprovada pelo Inquérito¹⁶ 4781 (Inquérito das *Fake News*) do Supremo Tribunal Federal que culminou em 29 mandados de busca e apreensão. Além disso o *Facebook*¹⁷ e o *Twitter*¹⁸, ambas as redes sociais tiraram de circulação dezenas de páginas ligadas ao presidente Jair Bolsonaro e aos seus filhos. Dito isto, levanto a reflexão e possibilidade dos *tweets* investigados possuírem um caráter robótico, oriundo do gabinete do ódio e utilizados como ferramentas para desresponsabilizar o Estado durante a pandemia de COVID-19 e favorecer o clã Bolsonarista nas redes.

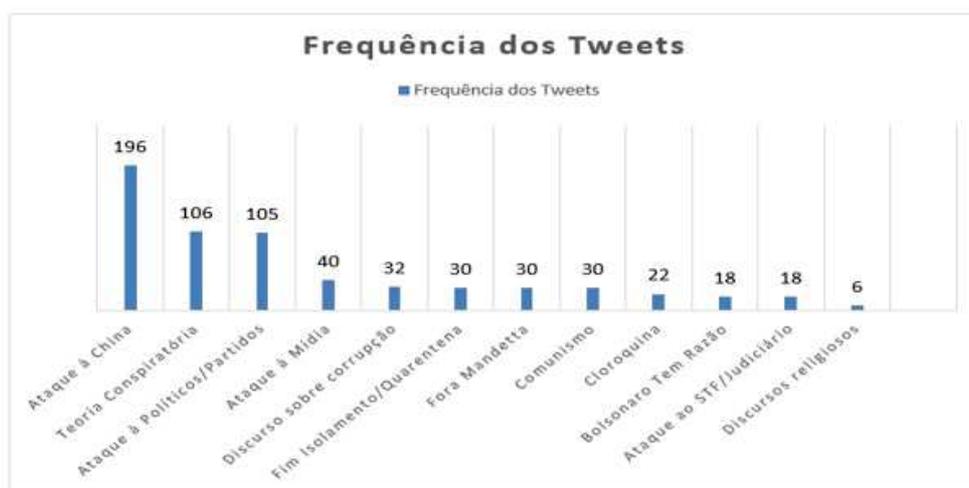


Gráfico 2: Frequência dos tweets em comparação as categorias de análise.

¹⁴ Disponível em: <https://istoe.com.br/o-gabinete-do-odio-existe-ponto-final/>. Acesso em: 19 ago. 2020

¹⁵ Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/comecam-a-aparecer-os-membros-do-gabinete-do-odio/>. Acesso em: 19 ago. 2020

¹⁶ Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/politica/policia-federal-cumpre-29-mandados-em-5-estados-e-df-em-inquerito-do-stf-sobre-fake-news/>. Acesso em: 19 ago. 20

¹⁷ Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/07/08/facebook-derruba-rede-de-contas-ligadas-ao-cla-bolsonaro.htm>. Acesso em: 19 ago. 2020.

¹⁸ Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/07/24/interna_politica,874991/twitter-bloqueia-contas-de-investigados-no-inquerito-das-fake-news.shtml. Acesso em: 19. ago. 2020.

Como vetor principal de análise deste ensaio, a discussão dos dados irá se pautar na categoria Ataque à China, pois esse código é elemento central na articulação com os demais agrupamentos de *tweets*. Com 196 posts publicados, a categoria foi a que mais contabilizou postagens.



Figura 2: Argumentos centrais extraídos da categoria ‘Ataque à China’.

O país asiático foi responsabilizado por ser o criador do novo coronavírus. Nos *tweets* reunidos apresenta-se a ideia de que existiu uma ação deliberada da China de criar o vírus em laboratório e transmiti-lo para o resto do mundo. A intenção por detrás desse ato seria o plano de implementação do comunismo em uma escala global. É fundamental destacar que muitos dos conteúdos ofensivos à China na terceira semana do mês de abril foram desdobramentos da crise institucional entre o deputado federal Eduardo Bolsonaro e a Embaixada da China no Brasil. Alguns *tweets* dirigiam as ofensas diretamente à Embaixada Chinesa. Algumas publicações cobram do país asiático uma indenização mundial para todos os países afetados pelo novo coronavírus, além de exigir justiça pelo fato de a China ter elaborado e executado “um crime contra humanidade”.

“A culpa é da China!”...

Outros posts remetem à 2ª Guerra Mundial, período no qual defendem que a China deveria ter sido “deletada do mapa” e que o sofrimento¹⁹ do povo chinês não foi o bastante.

A categoria e a *hashtag* em si também abarcam desdobramentos da prisão de uma quadrilha²⁰ liderada por um chinês, cujos membros estavam envolvidos no roubo de testes de COVID-19 e insumos hospitalares no aeroporto internacional de Guarulhos. Tal evento deu combustível para associar a China com o acontecimento e inflar ainda mais os ataques genéricos ao país na rede social. Na interpretação dos participantes, a Embaixada Chinesa teve participação direta na coordenação da ação criminosa, os usuários cobraram da embaixada chinesa um pedido de desculpas e reparação financeira pelo roubo no aeroporto dos materiais e insumos para o combate ao Corona Vírus.

Nota-se, também, a construção de uma sinofobia por meio de um grande esforço ofensivo contra todo povo chinês. Palavras como “porco”, “nojento”, “repugnante” marca muitos dos *tweets* analisados. O mundo, na visão dos usuários da *hashtag*, deveria se isolar daquilo que é mais nefasto, podre e maldito: a China e os chineses. Dentro da categoria “Ataque à China” percebe-se várias narrativas que buscam construir uma imagem negativa e criminosa sobre a China e o Partido Comunista Chinês. Os *tweets* têm por característica criar, estabelecer e reforçar valores sinofóbicos.

Um outro aspecto dos *tweets* enquadrados nesta categoria é o alto grau de coesão e uniformidade do seu conteúdo e dos seus argumentos. Os 7 argumentos ou linhas de estratégias presentes na figura 2 embasam todos os 196 *tweets* encontrados em “Ataque à China”. Tal fato levanta uma possibilidade da existência de uma ação coordenada por um grupo político que gerencia os conteúdos e auxiliam na sua disseminação. Uma possível hipótese explicativa para

¹⁹ A China foi alvo de um grande massacre que antecedeu a 2ª guerra mundial. Sobre o massacre de Nanquim: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-massacre-de-nanquim-japao-imperial.phtml>

²⁰ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/04/14/chines-e-presos-por-suspeita-de-liderar-roubo-de-testes-de-coronavirus.htm>. Acesso em: 18 ago. 2020.

as agressões ao país asiático para atender a interesses políticos é a declaração²¹ do presidente Bolsonaro sobre a corrida das vacinas: “Não é daquele outros país não, tá ok, pessoal? É de Oxford aí.” Na mesma entrevista²² seguiu ironizando a vacina chinesa: “O que é mais importante nessa vacina (de Oxford), diferente daquela outra que um governador resolveu acertar com outro país: vem a tecnologia pra nós.” O presidente em sua declaração se refere ao governador João Dória e aos testes da vacina Sinovac de origem chinesa, além do desdém pelo medicamento, o presidente também acaba demarcando uma posição geopolítica e ideológica ao ironizar a China.

Por mais que existam evidências sobre ações coordenadas e robóticas, também existe um componente voluntário e humano que replicam e disseminam os conteúdos da *hashtag* #VirusChines. Giles (2006); (2019) aponta que, em ambientes virtuais, é necessário manter um grau de coesão do grupo, estabelecendo normas e valores claros. A *hashtag* #VirusChines mostrou membros ativos policiando fronteiras do discurso e estabelecendo conteúdos, crenças e valores que são totalmente sinofóbicos e que omitem a participação do Estado Brasileiro, principalmente do presidente Jair Bolsonaro nas mortes relacionadas à COVID-19. Os apontamentos de Elias (2000) também servem de ferramenta para compreender o comportamento do grupo e seu alto grau de unidade. O autor aponta a coesão grupal, identificação coletiva e as normas comuns como elementos capazes de induzir um êxtase coletivo que acompanha a consciência de pertencer a um grupo de valor superior, com desprezo por outros grupos. Apesar de não se tratar de estabelecidos e outsiders como pesquisou Elias, o argumento é elucidativo para demonstrar como até mesmo os grupos virtuais se organizam em um elo de polarização entre “nós vs. eles”, se existe um componente robótico, as contas humanas são coesas em não discordar ou

²¹ Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-critica-vacina-chinesa-ao-assinar-mp-de-r-1-9-bilhao-para-produzir-farmaco-da-astrazeneca,70003390374>. Acesso em: 19 ago. 2020.

²² Disponível em: www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/08/06/interna_politica,-879119/covid-19-bolsonaro-desdenha-de-vacina-chinesa-e-critica-doria.shtm. Acesso em: 19 ago. 2020.

“A culpa é da China!”...

questionar os argumentos centrais que são armas poderosas na estigmatização da China e dos chineses. Assim, conforme debatido por Elias (2000) a exclusão e ofensas são ferramentas para afirmar um grupo superior e manter os outros grupos como inferiores. Neste caso, com base nos *tweets* a “nação brasileira” é o grupo com valor e moral superior e os chineses seriam “comunistas” e “lixos”.

Giles (2019) também aponta que as discussões on-line, em certos ambientes, são muito mais abertas e violentas do que interações *off-line*, e esse é um elemento interessante para compreender a *hashtag* analisada. Empoli (2019) converge para o mesmo posicionamento ressaltando que com as novas tecnologias digitais, o espaço que as redes sociais²³ permitem aos intolerantes aumentou. No caso da *hashtag* e da internet como um todo, muitos usuários apostam no anonimato de contas falsas, também conhecidas como *fakes*, cadastradas em e-mails falsos, para destilar mentiras e ódio.

Co-ocorrência das categorias



Gráfico 3: Co-ocorrência das categorias.

²³ Sabe-se que as redes sociais são espaços preferenciais para o encontro de pessoas e organizações que pautam discursos de ódio, intolerância, racismo e também disseminação de *fake news*. A pandemia do COVID-19 fez o *Facebook* alterar as suas políticas relacionadas ao conteúdo e publicidade, como consequência a rede social removeu conteúdos inexactos e que violam as diretrizes internacionais e científicas sobre o COVID-19. Sobre as novas diretrizes do *Facebook*: <https://www.facebook.com/business/help/1123969894625935>. Acesso em: 18 ago. 2020.

O gráfico mostra um cruzamento de co-ocorrência de outros códigos em relação à categoria “Ataque à China”. Trata-se de levantar codificações sobrepostas dentro de um mesmo cluster, ou seja, perceber quando as outras categorias foram aplicadas a um *tweet* que também contém a categoria central.

Foram encontradas na temática “teoria conspiratória” narrativas como a suposta tentativa chinesa de impor uma ‘Nova Ordem Global Comunista’, que colocaria o Brasil em uma posição de vassalo perante a China. O “ataque à políticos/partidos” contou com 28 ocorrências. De um modo geral, todos os políticos do legislativo, governadores e prefeitos que se colocaram contra as medidas do presidente Jair Bolsonaro seriam “comunistas infiltrados” e “traidores da pátria”. O presidente da câmara dos deputados, Rodrigo Maia, o governador de São Paulo, João Dória, e o do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, foram os alvos preferenciais dos ataques. O “ataque às organizações” se concentrou fundamentalmente no ataque à Organização Mundial de Saúde - OMS. A OMS sofreu sistemáticos ataques e foi alvo também de teorias conspiratórias. A organização foi acusada de cobrir “mentiras chinesas” e favorecer a China e ser uma ferramenta do comunismo chinês.

O “ataque à mídia” teve como foco principal a Rede Globo, a TV Bandeirantes e o jornal Folha de São Paulo. Segundo os usuários, as mídias em geral são “torcedores do vírus” que se satisfazem com o crescimento dos casos e as mortes por COVID-19 a “imprensa corrupta” estaria usando o vírus para desestabilizar o presidente Jair Bolsonaro causando pânico na população. Segundo os internautas da hashtag, a COVID-19 também seria um plano das emissoras para aumentar a audiência, uma vez que a maioria da população estaria em casa. O “fora Mandetta” certamente foi uma das categorias de maior centralidade. Os tweets quase sempre vieram acompanhados de outras hashtags como #ForaMandetta e #ForaMandettaUrgente. Na visão dos internautas que postava #VirusChines, o ex-ministro seria cúmplice comunista da farsa da COVID-19. De uma maneira geral, a narrativa foi construída com base em uma

“A culpa é da China!”...

fake news em que o médico está a serviço do Partido Comunista Chinês com a finalidade de implementar o comunismo em escala global.

O “ataque ao STF/Judiciário” concentrou quase que a totalidade dos seus ataques²⁴ ao Supremo Tribunal Federal e aos seus ministros. Termos como “vagabundos”, “corruptos” e “comunistas” estão presentes na maioria dos ataques à Suprema Corte. A corte também foi acusada de seguir a “Organização Chinesa de Saúde”. Os “bandidos unidos e diplomados” do STF seriam piores que o vírus.

A categoria “Bolsonaro Tem Razão” agrupou todos os tweets que enaltecem a figura do presidente Jair Bolsonaro e concordam com as ações do mesmo. Observando os discursos, foi possível perceber *hashtags* como #BolsonaroTemRazão e #BolsonaroTemRazãoSim. O “fim do isolamento/quarentena” reuniu discursos que são contrários ao isolamento social defendido pela ciência e pela maioria dos governadores. O argumento central dos internautas da *hashtag* é que os efeitos do vírus na economia nacional serão mais devastadores que o vírus em si, argumento que segue as declarações públicas do presidente Bolsonaro. A quarentena é vista entre os colaboradores da hashtag como um plano comunista afim de quebrar a economia para “matar o povo de fome e distribuir pão com água”. O “Isolamento inútil” irá trazer a ruína ao Brasil e transformar o país em uma “Venezuela” segundo os membros.

A categoria “Cloroquina” reuniu tweets sobre o medicamento Cloroquina e sua variante, a Hidroxicloroquina. Eles são remédios utilizados no tratamento da malária e que, no começo de 2020, começaram a ser testados no combate da COVID-19 sem demonstrar ação eficaz²⁵ contra a doença. O presidente Bolsonaro defende o uso dos medicamentos para a cura da COVID-19. Por esse motivo, a medicação citada recebeu a alcunha de #RemedioDoBolsonaro.

²⁴ Durante os dias escolhidos como recorte temporal (12/04 até o dia 20/04) o STF não se manifestou com notas ou ações jurídicas sobre os ataques.

²⁵ Um estudo brasileiro publicado no New England Journal of Medicine reforçou a posição da OMS e da ciência em comprovar a ineficácia do medicamento. Para acessar a íntegra da pesquisa no periódico: https://www.amib.org.br/fileadmin/user_upload/nejmoa201914__1_.pdf. Acesso em: 20 ago. 2020.

Os *tweets* apresentam os remédios como altamente eficaz, e argumentam que a sua não utilização seria fruto de um plano de propagação proposital do vírus para aumentar o número de mortes na pandemia. Esses óbitos seriam, então, amplamente divulgados pela mídia e colocados como responsabilidade do presidente Bolsonaro.

Os “discursos sobre corrupção” operaram de um modo em que os internautas argumentam que o vírus é apenas a forma que os governadores e os políticos utilizaram para praticar uma corrupção sistemática nos cofres públicos. O estado de emergência, decretado por prefeituras e governadores, seria um “truque” para comprar equipamentos super faturados e roubar dinheiro público.

Os “discursos religiosos” foram poucos, mas exemplares da repetição de um discurso que reproduz a criação de inimigos externos e internos ao governo. O uso da dicotomia Deus (nós) vs. Diabo (eles) esteve presente e na percepção dos usuários, Deus irá cobrar o sangue dos culpados comunistas e satanistas do Partido Comunista Chinês.

Uma leitura crítica dos dados

O atual momento da pandemia da COVID-19 e a crise política instalada no Brasil configuram o que Campos et al. (2013) definem como “Controvérsia Pública”. A pandemia é um problema coletivo e público e o conceito dos autores dialoga com o contexto atual e com a *hashtag* #VirusChines, que não deixa de ser um recurso de disputa em torno de um momento histórico e de uma problemática coletiva. De maneira preliminar, o próprio uso de “Vírus Chinês” para se referir ao novo coronavírus já demonstra que as pessoas que estão por trás das contas do *Twitter*, envolvidas no debate, disseminam que esta é uma doença de origem chinesa, buscando culpabilizar a China, que é símbolo de uma ideologia política contra a qual se posicionam. Nesses momentos de controvérsia, surgem possibilidades alternativas de interpretação do problema em pauta, bem como prognósticos variados, cada qual com consequências políticas distintas.

“A culpa é da China!”...

Campos et al. (2013) afirmam que a ocorrência de uma controvérsia pública é um momento especial prolífico para análise e estudo.

Nota-se que os usuários e colaboradores da *hashtag* #VirusChines mobilizaram palavras e termos amplos e variados, sobretudo naquilo que se sobressai na *tag*: o ataque a pessoas, organizações e principalmente à China e aos chineses. Maia (2006) argumenta que os próprios agentes sociais e atores mobilizam um conjunto de conceitos, imagens e discursos - criando rótulos, palavras de efeito, associando expressões com entidades e pessoas, figuras ou grupos - a fim de delimitar e disputar o campo interpretativo, definir posições e dar sentido aos eventos relevantes em questão. Assim, a construção de enquadramentos é parte integrante da disputa para conquistas, potência política e arregimentar apoio no jogo político. No caso da *hashtag* investigada os jargões e rótulos são repetidos de maneira massiva por meio de *retweets*, ao ponto de cerca de 700 posts se replicarem em 10 mil.

A propagação de tweets base (aqueles que serão replicados de maneira massiva) com forma e conteúdo idêntico nos 9300 posts toca mais uma vez na ação robótica e coordenada de contas financiadas pelo governo e com finalidades políticas. Trata-se, então, de uma estratégia de ação ordenada e estruturada em um espaço virtual que disputa nomes, apelidos, códigos e expressões *intrahashtag* que são associados a diversos sujeitos e organizações que tentam impor limites ao grupo social chamado de bolsonarismo e as ações do presidente Jair Bolsonaro. Há um esforço grande em criar novos discursos e palavras ofensivas para qualquer um que entre em conflito na esfera política e pessoal com a figura do chefe do Executivo. Tal empenho e esforço pode ser conceituado como uma “*weaponização*” ou discursos como armas para se referir aos clusters da rede social que atacam algum alvo para defender ou demarcar posição (Paiva, 2017). Os ataques e narrativas são o que Recuero (2019) chamou de *câmara de eco*, em que uma única narrativa é legitimada e reverberadas, enquanto outras narrativas que desafiem a hegemônica são apagadas e atacadas.

Existe dentro da hashtag todos os elementos citados por Dibai (2020): potencial de produzir e difundir conteúdos não apoiados em evidências (*fake news*), de teor odioso, crenças conspiratórias, execração de certos grupos sociais, bidivisão extrema da sociedade e comportamento discriminatório. O processo de elaboração e desmonte do outro também surge como uma estratégia citada por Weber (2009) de visibilidade/credibilidade. Dentro da hashtag existe uma tática constante de dar um imenso crédito ao presidente Jair Bolsonaro e desmerecer qualquer tipo de entrave e oposição ao mesmo. A própria categoria “Bolsonaro Tem Razão” surge como uma expressão latente dentro dos tweets analisados. Trata-se de uma tentativa de mitificação do líder, uma estratégia de desresponsabilização do presidente e de atribuição da culpa a qualquer outro elemento ou agente.

Como leitura geral, o *modus operandi* dos apoiadores do presidente Jair Bolsonaro agindo em um espaço virtual de sinofobia é totalmente diferente do modo clássico de se fazer política de formular consensos para angariar maioria. A lógica de ação foi discutida por Empoli (2019) ao pesquisar os métodos de políticos populistas de direita ao redor do mundo. O autor destaca que não existe mais a preocupação de chegar a um denominador comum, pelo contrário, cultiva-se a raiva e insultos como forma de articular conflitos políticos entre ‘nós’ e ‘eles’.

As verdades anticiência são construídas em uma lógica que Empoli (2019) compreendeu de maneira brilhante: as *fakes news* seguem uma lógica sólida que por muitas vezes chegam a ser mais eficaz que a própria verdade. “Qualquer um pode crer na verdade, enquanto acreditar no absurdo é uma real demonstração de lealdade”, a frase do autor é salutar quando se discute tweets em uma rede social, o apego e apoio ao presidente Bolsonaro se torna uma demonstração que o discurso construído no Twitter se torna aquilo que Hall (2003) chamou de leitura preferencial²⁶ ou código naturalizado.

²⁶ Determinados códigos, por serem amplamente difundidos dentro de uma cultura ou comunidade, acabam se tornando bastante aceitos, tornando-se uma “verdade universal”. O caráter habitual e diário

“A culpa é da China!”...

Os tweets analisados trazem à tona um debate sobre a figura do presidente Jair Bolsonaro. Todas as categorias que serviram de base para a codificação também são argumentos e comportamentos defendidos pelo chefe do executivo. Desde o começo da pandemia Bolsonaro incita o fim do isolamento social, relativiza o vírus, cria intrigas políticas, faz apologia ao uso da cloroquina, mesmo sem comprovação científica da sua eficácia e também ataca a mídia. No dia 22 de março, o presidente declarou²⁷: “O povo saberá que foi enganado pela mídia e pelos governadores”. No dia 26 proferiu²⁸: “O brasileiro precisa ser estudado, ele pula no esgoto e não pega nada”. Ambos os discursos citados e a maioria das declarações se aproximam do conteúdo da hashtag, são tentativas de desresponsabilizar o Estado e o fracasso da política de combate à COVID-19 no Brasil. Diante disso cria-se o caos como método e parte-se para a criação de inimigos internos e externos: a China, a mídia, o STF, os governadores. As *hashtags* são uma resposta fiel e positiva de um grupo social a qual Bolsonaro dirige o seu governo e a maioria das suas políticas: os 25% do eleitorado que são apoiadores irrestritos do presidente.

Considerações finais

Partindo das contribuições de Dibai (2020) sobre o estudo de comunidades virtuais, é salutar a reflexão sobre até que ponto os ambientes digitais são civis e tolerantes e quais seus potenciais riscos à coletividade e à democracia. Parte-se da premissa que um grupo coordenado de pessoas é capaz de ditar os rumos dentro de bolhas políticas que dão apoio irrestrito ao presidente Bolsonaro. Além disso são capazes de agir em bloco e colocar os temas nos *trend topics*,

com que algumas informações são trazidas à tona demonstram escolhas dos que criam conteúdo com base na recepção para fixar algum código para que se torne amplamente difundido dentro de uma sociedade (HALL, 2003).

²⁷ Ver: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/povo-sabera-que-foi-enganado-por-governadores-e-imprensa-sobre-coronavirus-diz-bolsonaro.shtml>. Acesso em 04 de jun. 2020.

²⁸ Ver: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/26/brasileiro-pula-em-esgoto-e-nao-acontece-nada-diz-bolsonaro-em-alusao-a-infeccao-pelo-coronavirus.ghtml>. Acesso em 04 de jun. 2020.

gerando uma visibilidade mundial sobre determinado tema. Empoli (2019) e Dibai (2020) salientam que amplificação e disseminação desses discursos e práticas na internet está ligada ao fenômeno do ultradireitismo. Cada vez mais instalados e organizados nas plataformas digitais, os partidários do bolsonarismo têm aproveitado a falta de controle nas redes para transmitir de maneira direta e global os seus conteúdos.

Os conjuntos de novos dispositivos e tecnologias acabam por gerar um sentimento de falta de leis e de “tudo posso” nos ambientes virtuais, aliado a isso a reciprocidade interna e o compartilhamento entre usuários afinados ideologicamente potencializam suas narrativas. Converte-se com Dibai (2020) na questão das consequências preocupantes da formação dessas comunidades online dirigidas ao ataque e destruição das instituições democráticas. Ao integrarem hashtags cria-se uma identidade coletiva que é reforçada com medos do passado como o comunismo e a destruição da família.

Além disso, durante o mês de maio foram realizados algumas carreatas e encontros de apoio ao presidente Jair Bolsonaro. Muitos desses eventos guardam especial semelhança com algumas pautas e discursos levantados dentro da hashtag analisadas. A manifestação²⁹ do dia 26/04 na Esplanada dos Ministérios teve como uma de suas pautas centrais o “Fora Maia”. Um dos entrevistados durante o evento declarou: “demonstrar a todos os brasileiros e ao mundo que o povo está fechado com o Bolsonaro”. Já em 09/05 os partidários do presidente promoveram³⁰ uma carreata com pautas que são contrárias ao deputado Rodrigo Maia, ao STF e a Rede Globo. Ressalta-se também que um acampamento³¹ foi instalado durante o mês de abril na Assembleia Legislativa de São Paulo tendo como pauta principal a saída do governador João Dória.

²⁹ Ver: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/04/26/interna_politica,1141992/carreata-pro-bolsonaro-se-concentra-em-frente-ao-congresso.shtml. Acesso em 04 jun. 2020.

³⁰ Ver: <https://www.poder360.com.br/brasil/apoiadores-de-bolsonaro-fazem-carreata-em-brasilia/>. Acesso em 05 jun. 2020.

³¹ Ver: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2020/05/bolsonaristas-criam-corrente-do-bem-e-se-medicam-com-cloroquina-azitromicina-e-antipulgas.shtml>. Acesso em 05 jun. 2020.

“A culpa é da China!”...

Tal falta é um sinal de que a rede social pode exportar pautas e demandas para a vida real, assim como importar conteúdos que acontecem na vida material. Também é uma variável explicativa que demonstra que os ambientes virtuais e eventos políticos estão em um diálogo e articulação constante.

Por fim, o cenário de 100 mil mortes decorrentes da pandemia representa como citado por Nobre (2020) a normalização do estado de crise e a transformação do colapso em forma de governar. Esse método de caos como *modus operandi* foi aplicado durante a pandemia do Covid-19 e tem como consequência um cenário de guerra constante e da criação de inimigos externos, neste caso a China e os chineses. A tática utilizada apresenta resultados positivos ao presidente uma vez que sua popularidade³² saltou de 30% para 37% em um mês, além disso, a pesquisa³³ Datafolha do mês de agosto aponta que 47% dos brasileiros acreditam que Bolsonaro não tem culpa pelas 100 mil mortes no Brasil.

Referências bibliográficas

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W., GASKELL, George (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015. p. 189-217.

CAMPOS, Luiz Augusto; FERES JÚNIOR, João; TOSTE DAFLON, Verônica. Administrando o debate público: O Globo e a controvérsia em torno das cotas raciais. *Revista Brasileira de Ciência Política*, v. 11, p. 7-31, 2013.

DIBAI, PRISCILLA. Bolsonarismo on-line: “Com ou sem democracia, salvemos o capitão!”. *World Tensions/Tensões Mundiais*, v. 16, n. 30, 2020.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*. Zahar, 2000.

EMPOLI, Giulano da. *Os Engenheiros do Caos*. 1 ed. São Paulo: Editora Vestígio, 2019.

FAVARO, Laura; GILL, Rosalind; Harvey, Laura. Fazendo dados da mídia. Uma introdução à pesquisa qualitativa da mídia. In: BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria; GRAY, DEBRA. *Coleta*

³² Ver: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/08/17/interna_politica,1176858/popularidade-de-bolsonaro-cresce-expectativa-para-restante-do-mandato.shtml. Acesso em: 19 ago. 2020.

³³ Ver: <https://oglobo.globo.com/brasil/datafolha-47-acreditam-que-bolsonaro-nao-tem-culpa-pelas-100-mil-mortes-no-brasil-24588387>. Acesso em: 19 ago. 2020.

Paulo Henrique Dantas

de *Dados Qualitativos*: Um guia prático para técnicas textuais, midiáticas e virtuais. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 151-176.

GILES, David. Fóruns de discussão on-line. Uma fonte rica e vibrante de dados. In: BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria; GRAY, DEBRA. *Coleta de Dados Qualitativos*: Um guia prático para técnicas textuais, midiáticas e virtuais. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 224-247.

GILES, David. Constructing identities in cyberspace: The case of eating disorders. In: *British Journal of Social Psychology*, v. 45, p. 116-129, 2006.

HALL, Stuart. Da Diáspora. *Identidades e mediações culturais*. Horizonte: Editora UFMG, Representações da UNESCO no Brasil, 2003.

MAIA, Rousiley. Mídia e Deliberação. Atores Críticos e o Uso Público da Razão. In MAIA, Rousiley; CASTRO, Maria Céres Pimenta S. Mídia, *Esfera Pública e Identidades Coletivas*. 1 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 153-179.

MAIA, Rousiley. Mídia e Vida Pública. Modos de Abordagem. In MAIA, Rousiley; CASTRO, Maria Céres Pimenta S. Mídia, *Esfera Pública e Identidades Coletivas*. 1 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 11-46.

NOBRE, Marcos. *Ponto-final: A guerra de Bolsonaro contra a democracia*. São Paulo: Editora Todavia, 2020.

PAIVA, A. L.; GARCIA, A. S.; ALCÂNTARA, V. C. Disputas Discursivas sobre Corrupção no Brasil: Uma Análise Discursivo-Crítica no Twitter. *Rev. Adm. Contemp.*, v. 21, n. 5, p. 627-647, 2017.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de Investigação Em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva, 2005.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. *Galáxia* (São Paulo), n. 41, p. 31-47, 2019.

TERRY, Gareth; BRAUN, Virginia. Breve, porém doce. O surpreendente potencial dos métodos de levantamento qualitativo. In: BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria; GRAY, DEBRA. *Coleta de Dados Qualitativos*: Um guia prático para técnicas textuais, midiáticas e virtuais. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 39-71.

WEBER, Maria Helena. Visibilidade e Credibilidade. Tensões da Comunicação Política. In MAIA, Rousiley; CASTRO, Maria Céres Pimenta S. *Mídia, Esfera Pública e Identidades Coletivas*. 1 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 117-136.